

Representações culturais de uma identidade afro LGBT: uma análise sob a perspectiva dos Estudos Culturais¹

Jade MEIRELES²

Jasmin CHALLENGRE³

João Vinícius NASCIMENTO⁴

Maria DOMINGUEZ⁵

Michelle OLIVEIRA⁶

Victória LIBÓRIO⁷

Itania Maria Mota GOMES⁸

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

Este trabalho busca realizar, sob perspectiva dos Estudos Culturais, uma análise cultural de produtos comunicacionais que se relacionam, em algum nível, com movimentos ou fenômenos sociais auto declarados Afro LGBT. Para analisar o fenômeno, o artigo investiga reivindicações comuns a todos os produtos: a discussão pelo lugar de fala, o uso do corpo negro, as questões de gênero e de não-gênero e a utilização da moda. Pretende-se, então, articular estes elementos à fundamentação teórica de alguns autores dos Estudos Culturais para melhor compreensão do fenômeno.

Palavras-chave: afro; comunicação; cultura; LGBT; redes sociais.

Introdução

Seguindo os fundadores dos Estudos Culturais - Richard Hoggart, Edward Thompson e Raymond Williams -, é possível identificar novos sentidos para a palavra *cultura* a partir das primeiras décadas do movimento político-intelectual que se consolidou como Estudos Culturais, cujo marco inaugural foi a abertura do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, na Universidade de Birmingham, em 1964. No fim do século XX, outros autores continuam trabalhando com o conceito de cultura e exploram também a polissemia da palavra *identidade*. Ambos os termos - cultura e identidade - serão centrais nesta análise.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante do 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFBA, email: jadegmeireles@gmail.com.

³ Estudante do 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFBA, email: jasminchalegre@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFBA, email: joabertonie@gmail.com.

⁵ Estudante do 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFBA, email: mariadominguezcp@gmail.com.

⁶ Estudante do 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFBA, email: michelleoliveiras@yahoo.com.

⁷ Estudante do 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFBA, email: victorialiboriosimoies@gmail.com.

⁸ Orientadora do trabalho. Professora da Facom-UFBA. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas. itaniagomes@gmail.com

Analisar o percurso de formação de uma identidade cultural significa perceber que as narrativas e discursos construídos são quase sempre híbridos e que abarcam situações de interculturalidade, pois grupos tendem a se apropriar de elementos de outros grupos, combinando-os e transformando-os. A proposta torna-se ainda mais difícil quando se estuda sociedades globalizadas e multiculturais como na atualidade.

Diante desta perspectiva, com base nos Estudos Culturais, este trabalho pretende construir uma análise sobre a relação de interseccionalidade de alguns movimentos sociais. Importa os produtos comunicacionais relacionados aos movimentos afro e LGBT, estruturados no Brasil desde o fim dos anos 1970, e em mais recente articulação.

Será feita neste trabalho uma análise cultural dos movimentos sociais Afro LGBT de maior destaque no Brasil por meio de sete produtos comunicacionais disponibilizados *online*, como vídeos e canais no YouTube, páginas e *posts* nas mídias sociais e entrevistas publicadas. Sendo assim, os produtos que compõem o corpus empírico deste trabalho são: a Rede Afro LGBT, o coletivo Afrobixas, o evento Batekoo, o Canal das Bee, a página Bicha Nagô e as obras dos músicos Liniker e Rico Salasam.

Justificativa

O contexto de efervescência política das décadas de 60 e 70 do século XX, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, desencadeou fenômenos que ficaram conhecidos como "novos movimentos sociais" ou "movimentos dos direitos civis". Entre as pautas destes movimentos estava o incipiente ativismo negro, que já lutava pelo fim das exclusões social e política através da igualdade de acesso aos direitos vigentes para a população branca. Na mesma perspectiva, o movimento gay (que mais tarde tornou-se GLS e em seguida, LGBT), reivindicou a garantia de direitos civis aos não-heterossexuais e buscava empoderar a população homossexual, outrora patologizada por instâncias reguladoras da sociedade (FOUCAULT, 1979). No Brasil, os movimentos afro ganham força com os Filhos de Gandhi (1949) e a Associação Cultural do Negro (1954), e o movimento LGBT com o Grupo Gay da Bahia (1980). Estes movimentos se organizam para combater uma realidade de desigualdades e para empoderar seus integrantes, sendo, portanto, baseados numa mesma causa e princípios valorativos, visando uma mudança social significativa.

Importa a este trabalho a interseção dos movimentos afro e LGBT, fenômeno que surge no Brasil a partir de um movimento duplo: por um lado, denúncias de LGBTfobia em movimentos tradicionais afro e, por outro lado, acusações de o movimento LGBT sustentar padrões brancos¹. O movimento Afro LGBT surge na condição de representar e discutir as questões específicas à minoria negra e LGBT e ganha força de articulação nas últimas décadas.

No ponto de vista dos Estudos Culturais, este trabalho articula autores e obras da área. O percurso escolhido para análise inclui principalmente Raymond Williams, Stuart Hall e Nestor Garcia Canclini. Além destes, fora dos EC, Michel Foucault. O trabalho é relevante pois coloca em evidência um contexto de polarização e forte discriminação em relação às minorias afro e LGBT, com manifestações de discursos de ódio e violência. Segundo a ONG Transgender Europe, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo². Afrobrasileiros e mulheres também são vítimas frequentes de discriminação e injustiças. De acordo com o Grupo de Trabalho das Nações Unidas sobre Afrodescendentes, "a discriminação múltipla afeta tanto as mulheres e meninas negras quanto os indivíduos LGBT, manifestando-se em desigualdades no acesso à saúde e ao emprego nos setores público e privado"³.

Portanto, a proposta é realizar uma análise cultural das reivindicações de alguns movimentos afro LGBT brasileiros dentro de alguns produtos culturais com esta temática. O interesse por esse tema surgiu da percepção de que as identidades interseccionadas são uma constante na atualidade, uma vez que as reivindicações por pautas mais diversas e plurais vêm surgindo com mais força.

Produtos

Neste trabalho, buscou-se problematizar pautas defendidas por fenômenos sociais (movimentos, fóruns e redes de discussão, artistas e eventos culturais) através de seus produtos comunicacionais online (canais de vídeos no Youtube, páginas no Facebook e Tumblr, blogs e sites). São eles:

¹ <<http://redeafrolgbt.blogspot.com.br/2013/07/o-racismo-e-as-interseccionalidades.html>>. Acesso em 10 mai 2016

² Informação disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/2014/06/09/brasil-paistransfeminicidio/>>. Acesso em 10 mai 2016.

³ Disponível em <<http://nacoesunidas.org/grupo-de-trabalho-da-onu-sobre-afrodescendentes-divulgado-comunicado-final/>>. Acesso em 24 abr 2016.

1 - Rede Afro LGBT⁴: formada por um blog, uma página no Facebook e ações presenciais. É o grupo mais antigo entre os analisados, com dez anos de existência. Promovem discussões e campanhas online.

2 - Afrobixas⁵: conta com uma página no Facebook através da qual se define como "coletivo de bixas negras do Distrito Federal que busca espaço de diálogo sobre sexualidade, negritude e suas interseccionalidades e fortalecimento conjunto".

3 - Bicha Nagô⁶: formado a partir de uma página no Facebook e uma página no Tumblr, onde abrem discussões sobre ser negro e gay.

4 - Batekoo⁷: segundo a Folha de S.Paulo, é "a primeira festa para gays, lésbicas e transexuais negros"⁸. O evento declara promover o empoderamento afro e LGBT.

5 - Liniker: cantor que ficou conhecido com seu projeto Liniker e os Caramelos, em 2015, discute o empoderamento negro e LGBT. "Bicha, preta e pobre" é como se define⁹.

6 - Rico Dalasam: primeiro rapper assumidamente gay, é representante do movimento "queer rap" no Brasil¹⁰.

7 - Canal das Bee: o canal no Youtube se define como "não só um canal contra a homofobia, mas também contra o preconceito, contra a transfobia, a bifobia, a lesbofobia, o machismo"¹¹.

Análise

Utilizando como referência os principais autores dos Estudos Culturais, foi construída uma análise cultural do fenômeno em evidência. Primeiro, foram levantadas algumas reivindicações comuns aos movimentos em análise, que estão agrupadas em

⁴ Disponível em: <<http://www.facebook.com/redeafrolgbt/?fref=ts>>, <<http://redeafrolgbt.blogspot.com.br/>>. Acesso em 23 abr 2016.

⁵ Disponível em: <<http://www.facebook.com/afrobixas>>. Acesso em 23 abr 2016.

⁶ Disponível em: <<http://www.bichanago.tumblr.com>>, <<http://www.facebook.com/bichanago/?fref=ts>>. Acesso em 24 abr 2016.

⁷ Disponível em: <<http://www.facebook.com/batekoo>>. Acesso em 3 mai 2016.

⁸ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2016/03/175451363-primeira-festa-para-gays-lesbicas-e-transexuais-negros-vira-moda-em-sp.shtml>>. Acesso em 3 mai 2016.

⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/03/1754532-bicha-preta-e-pobre-atinge-12-milhao-de-views-na-rede.shtml>>. Acesso em 3 mai 2016.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.musica.uol.com.br/noticias/redacao/2015/01/19/rapper-gay-rico-dalasanguer-unir-orgulho-negro-e-gay-na-fervecao.htm#fotoNav6>>. Acesso em 3 mai 2016.

¹¹ Neste trabalho, nos interessam especialmente os vídeos *Rapper, negra e lésbica*, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7iVPAPZYHB4>>, *Homem trans e racismo*, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=h9c9RJBvUZk>> e *Negro e gay*, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yjQS6tV0Q0c>>. Acesso em 3 mai 2016.

quatro categorias. E, posteriormente, foi realizada uma análise crítica sobre esses fenômenos e sua articulação com as pautas dos movimentos sociais a que se referem sob a óptica de alguns autores dos Estudos Culturais.

1. Lugar de fala e apropriação cultural

A reivindicação pelo lugar de fala e o combate à ideia de apropriação cultural estão presentes em pelo menos três dos produtos em análise: Bicha Nagô, Batekoo e Canal das Bee. De modo geral, é passada a mensagem de que pessoas que não sejam negras ou LGBT não devem participar das questões do movimento. Também criticam o uso de “elementos tradicionalmente afro” por pessoas que não sejam negras.

Bicha Nagô dedica um *post*¹² às críticas de uma "festa de brancos" com temática negra, impossível segundo o ponto de vista defendido já que "as *white people playboy* não tem (sic) vivência negra". Ainda levanta a ideia de identidade: "Se tem uma coisa que falta de verdade aí é identidade". A Batekoo se declara ser uma "festa de preto", onde apenas tocam músicas interpretadas por artistas negros e onde os jovens negros devem ter maior destaque¹³. No Canal das Bee, há uma forte noção de protagonismo através da vivência: há sempre convidados nos vídeos que estão relacionados diretamente ao assunto em questão¹⁴.

Os Estudos Culturais dão novo sentido à palavra "cultura". Um exemplo é a abordagem de Stuart Hall (1997) e o seu conceito de sistemas de representação, pressupondo que a linguagem faz parte da cultura, logo o texto, o conhecimento e a fala não são ingênuos: são lugares de posicionamentos políticos, disputa de poder e de significados compartilhados. Ele afirma, ainda, que "todas as práticas têm um aspecto discursivo" (HALL, 1997). "A cultura deixou de ser exclusivamente um conjunto de valores, costumes e normas de convivência ligadas a uma tradição particular, a uma língua e a um território" (CASTRO-GOMÉZ, 2003).

Com o apoio de Hall na semiótica e nos estudos da linguagem e da noção foucaultiana da disputa de enunciados evocada pela circulação de poder (FOUCAULT,

¹² Disponível em <<http://www.bichanago.tumblr.com/post/136457300691/parem-pessoas-brancas-2016>>. Acesso em 4 mai 2016.

¹³ Num *teaser* feito para divulgar a edição de julho de 2015 da festa, vários jovens negros riem de uma garota branca que dança ao som de rap no fundo de um ônibus. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WBRxeOomGns>> Acesso em 4 mai 2016.

¹⁴ Nos vídeos do Canal das Bee, só falam sobre certas opressões quem chegou de fato a vivê-las. Não à toa, no já citado vídeo *Negro e gay* o personagem principal é um jovem negro e homossexual. No vídeo *Rapper, negra e lésbica*, uma artista de hip hop afrodescendente e homossexual é a protagonista.

2008), o texto é instrumento político e o discurso produz formas de conhecimento sobre o outro, o que implica operações de poder.

Ao tomar como referência os conceitos de cultura e identidade para os Estudos Culturais, a reivindicação por um lugar de fala único deixa de fazer sentido. A cultura entendida como lugar de tensionamento, como conjunto de valores e sentidos que são construídos e modificados, permite a possibilidade que um indivíduo de um grupo se identifique e use referências de elementos de outros grupos, levando em conta que há intercâmbios e pontes entre eles.

Edward Said (1999) classifica a cultura como "fonte de identidade" (p. 9), considerando que o conceito de identidade é construído, flexível e é um processo, como também defende Canclini (2005). Seguindo este raciocínio, reivindicar um lugar de fala único é também excluir a possibilidade de se pensar a identidade como conceito em flexível e maleável. Para Canclini, identidade é uma construção narrativa, que sofre influência desde o contexto da ocupação territorial de um povo até como serão formados os modos legítimos de convivência, a fim de se diferenciarem dos outros. Os discursos de identidade se formam também por meio de dispositivos comunicacionais, consagram-se e são estabelecidos como representações sociais. Ainda de acordo com Canclini, a disputa pela identidade acontece na vida cotidiana, passa pelos processos de naturalização e por momentos de acirramento.

Em um contexto globalizado e multicultural, as barreiras entre o masculino e feminino, negro e branco, oriental e ocidental, estão cada vez mais estreitas. Logo, negar a autoridade da fala a pessoas de grupos sociais distintos seria problemático, pois não compreende a identidade como lugar de negociação e construção. Para uma sociedade com sistemas de poder imbricados nas relações sociais, é legítimo que minorias reivindiquem suas causas, discursos e pontos de vista, combatendo assim a exclusão. Porém, identificar cultura e identidade como espaços de transformação é também considerar que grupos distintos possam se identificar com causas diversas.

2. O corpo negro e gay

Duas discussões referentes ao corpo foram levantadas expressivamente pelos produtos em análise: o uso do corpo como forma de reivindicação e o combate à hiperssexualização e objetificação do corpo negro e gay.

2.1 Corpo como reivindicação

Dentre os produtos, é possível observar que a festa Batekoo coloca o corpo em evidência nos teasers e ensaios fotográficos¹⁵ do evento como forma de combate à gordofobia e, principalmente, como forma de afirmação da identidade negra. O cantor Liniker faz uso semelhante do corpo como contestação aos estereótipos do homem negro e gay.

Michel Foucault invoca a ideia de 'corpo político' e explora as possibilidades da relação entre corpo e poder em *Discipline and punish: the birth of the prison* (1977). A ideia de corpo político como espaço de reivindicação e lutas é possível a partir da compreensão de que o poder circula - logo não está restrito ao Estado burguês - e passa pelas relações interpessoais e pela vida cotidiana. Ao final dos anos 1990, apoiando-se em Foucault, Judith Butler trata do uso político dos corpos, afirmando que "[...] discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos, os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue" (PRINS; MEIJER, 2002).

Diversos movimentos sociais apoiam-se em usos específicos do corpo, principalmente como forma de reivindicação. Exemplo disso é a Marcha das Vadias, que o utiliza como instrumento de protesto e suporte de comunicação, que se torna um "corpo-bandeira" (GOMES; SORJ, 2014), assim como acontece nas Paradas do Orgulho LGBT. Apesar de ser possível identificar na Batekoo o uso do corpo como espaço de reivindicações, a bandeira levantada pelo evento é também alvo de algumas contradições. É pregada a libertação do corpo negro gay de alguns estereótipos hegemônicos (viril, sexual, atlético, macho), mas acaba construindo outros padrões (os organizadores do evento e o público que comparece às festas são extremamente produzidos, maquiados, e a exaltação do corpo é quase obrigatória, com roupas curtas e conotação sensual). Assumem, ainda, como referências, cantoras da cena pop *mainstream* como Beyoncé e Rihanna, que apesar de serem negras, dificilmente podem ser relacionadas a discursos alternativos e contra hegemônicos.

2.2 Hiperssexualização

¹⁵ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ZfEB4D8T88g>>. Acesso em 26 abr 2016.

Por outro lado, Afrobixas e Bicha Nagô dedicam *post*¹⁶ a denúncia da hiperssexualização do corpo negro e gay, que geralmente é objetificado e associado a características corno viril, forte e másculo¹⁷. Stuart Hall discute os estereótipos em torno dos corpos negros no livro *The Spectacle of the Other* (2001). A análise histórica de Hall se dá principalmente por imagens que circulam a cultura popular e os meios de comunicação de massa, como anúncios da publicidade¹⁸. Hall afirma que estereótipos dos outros (que podem servir para produzir estigmas e preconceitos em relação aos negros e aos LGBT) funcionam na manutenção das ordens social e simbólica e que é possível que haja mais estereótipos onde há mais desigualdade de poder. Ou seja: o fato de a sociedade ainda hiperssexualizar e objetificar o negro e os LGBTs, reduzindo-os à sexualidade (muitas vezes aos genitais), mostra como as relações de poder operam, estigmatizando os grupos minoritários. Daí surge o poder simbólico na sociedade: não o poder formal, político e econômico, mas em um sentido maior, ritualizado e imbricado nas práticas sociais cotidianas.

No *post* "Dois negros afeminados incomodam muito mais", Bicha Nagô protesta pelo reconhecimento de gays negros e afeminados, denunciando o estereótipo de "macho" esperado do gay negro. De forma semelhante, no *post* "Entre o Objeto e o Animal" reivindica a "Representatividade do Corpo Negro Gay", contestando a ideia que "o negro gay nasceu pra ser ativo e satisfazer o gay branco" e afirmando que "não podemos esquecer dos gays afeminados".

Ainda assim, assume-se que os significados dos estereótipos podem ser sempre mudados e reapropriados. Raymond Williams (2007) identifica as diversas conotações que as palavras tomam com o curso da história. Segundo Hall, a transcodificação de imagens tidas como negativas hegemonicamente para conotações positivas é uma boa saída para a resignificação de estereótipos que reforçam sistemas de poder. É o caso da afirmação do cabelo crespo dos negros: ao invés de enquadrá-lo como "ruim", os produtos selecionados para análise, em sua maioria, trabalham para construir a ideia do cabelo crespo como "belo".

¹⁶ Disponível em < <https://bichanago.tumblr.com/post/133959957471/a-solid%C3%A3o-tem-ra%C3%A7a>> e < <https://bichanago.tumblr.com/post/134331715126/dois-negros-e-afeminados-incomodam-muito-mais>> Acesso em 10 mai 2016.

¹⁷ A pesquisadora Djamila Ribeiro sugere uma busca no Google com as palavras-chave “negro” e “gay”. O resultado direciona majoritariamente à pornografia. O artigo está disponível em <<http://cartacapital.com.br/sociedade/o-homem-negro-gay-4511.html>>. Acesso em 26 abr 2016.

¹⁸ Uma das imagens mais marcantes é a propaganda da Pirelli de 1994 com o atleta negro Carl Lewis usando um scapin vermelho.

3. O lugar do gênero e do não-gênero

Entre os produtos analisados, a reivindicação pelo fim dos padrões de gênero só aparece com o/a cantor/cantora Liniker¹⁹, que abre a possibilidade de identificação com os dois extremos da identidade de gênero. Ele/ela advoga por uma posição fluida na classificação dura e pouco transponível dos papéis de gênero. O/A artista goiano/goiana evidencia uma identidade rasurada, composta por assimilações e identificações de elementos e referências de uma cultura globalizada (CANCLINI, 2005).

A Rede Afro LGBT, por sua vez, chega a reivindicar os padrões cisgênero dos travestis no *post* "Trasreferências Negras", onde afirma que "a aceitação social vem sendo apropriada por um padrão cisgênero de beleza"²⁰, como mulheres trans que reproduzem padrões hegemônicos da beleza feminina, muitas vezes machista. Apesar de a discussão ser relevante, a Rede não chega a contestar as convicções dos padrões de gênero e não levanta a possibilidade de não haver identificação com os universos masculino nem feminino.

Assim, a discussão sobre a indefinição do gênero constitui uma agenda que luta por espaço dentro da própria militância LGBT. Questionar as barreiras de gênero é uma atividade particularmente interessante, pois representa uma ruptura em padrões dominantes, além de revelar certa complexidade na construção de identidades: há no gênero uma relação com a vivência biológica, mas também com construções de performances culturais. Na perspectiva de Judith Butler (2003), o corpo aparece como um meio sobre o qual se inscrevem significados culturais e as possibilidades de "escolha" de gênero são baseadas em experiências discursivamente condicionadas. Para o pós-estruturalismo de Butler, os

limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero (2003, p. 28).

Reivindicando a possibilidade de se identificar e utilizar elementos de ambos gêneros, sem ter que se enquadrar em um dos dois, Liniker se diferencia dos demais produtos analisados. Mesmo no Canal das Bee, que produz vídeos sobre

¹⁹ Em entrevista à Trip TV, Liniker chegou a afirmar: "Sou bicha, sou preta, mas não sei se sou homem ou mulher. Estou em processo. Estou sendo o que sou.". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ozvE0STINzg>> Acesso em 28 abr 2016.

²⁰ Disponível em <<http://redeafroglbt.blogspot.com.br/2014/01/gracas-as-lutas-dos-movimentos-de.html>>. Acesso em 28 abr 2016.

transexualidade²¹, os papéis de gênero não são fortemente discutidos: o canal, bem como a agenda majoritária do movimento LGBT, utiliza referências consagradas no que tange as questões de gênero, evitando problematizar os valores de feminilidade e masculinidade.

4. Moda como instrumento de reivindicação

O lugar da moda se constitui como tensionamento presente na produção de sentido de pelo menos dois dos produtos analisados: a festa Batekoo e o rapper Rico Dalasam. Há forte ambiguidade nos discursos feitos através da moda: se ela pode ser entendida como uma ferramenta de reprodução do capitalismo, pode também ser utilizada como uma ferramenta de construção identitária (SVENDSEN, 2010).

Na Batekoo, as fotos e vídeos de divulgação exibem mulheres em sua maioria negras e com corpos de diferentes formatos e proporções -- com roupas curtas e muita pele à mostra; o vestuário utilizado nas personagens retratadas no material de divulgação se baseia em referências sobretudo da construção de negritude americana, com bastante influência da cultura hip hop e do *urban style* dos anos 90. O rapper Rico Dalasam compartilha referências de vestuário semelhantes as da Batekoo: em seus vídeos e apresentações²², apesar de fazer o uso de uma estética ligeiramente *freak*, é grande a influência sofrida por ele de um vestuário que reproduz valores dominantes, como a ostentação de marcas e a conquista de poder através do dinheiro. Nos dois produtos em questão, percebe-se esta ambiguidade no uso da moda; ora ela é afirmação de identidade, ora símbolo de consumo, ora ambos.

Se a lógica cultural da modernidade não é somente a da racionalidade instrumental, mas também a da paixão e do desejo (CAMPBELL, 1989), isso é expresso pelos vestuários adotados por diferentes grupos sociais, que estabelecem com roupas específicas uma relação de identificação, obedecendo ou não a critérios impostos pela indústria. A assimilação de elementos da cultura afroamericana por jovens negros de um contexto baiano (caso da Batekoo) e de artistas paulistas (caso de Dalasam) é uma clara situação de interculturalidade (CANCLINI, 2005), de construção de novas identidades culturais baseadas em elementos transnacionais, devendo ser entendida

²¹ O debate em torno da transexualidade é o que mais se aproxima de uma discussão sobre papéis de gênero dentro da sigla LGBT. Há três anos no ar, o Canal das Bee produziu 13 vídeos sobre transexualidade, todos falando sobre saúde, preconceito e visibilidade, mas nenhum questiona a necessidade de enquadrar em aspectos tradicionais da feminilidade e da masculinidade.

²² Disponível em < <https://www.facebook.com/ricodalasam/>>. Acesso em 10 mai 2016.

como tal. Compreender um tipo específico de vestuário como um meio para construir identidade é relevante e não deve ser ignorada.

No entanto, é igualmente relevante problematizar o lugar da moda nas vias de consumo. Ao exaltar elementos do universo da ostentação, um dos símbolos do capitalismo do nosso tempo, os presentes produtos colocam-se na ambígua linha interpretativa que permite analisar essas apropriações como uma ressignificação de referências dominantes e como uma assimilação de valores capitalistas. Nos termos de Williams, "analisar a cultura é descobrir os modos de construir uma alternativa de organização social ao capitalismo" (GOMES, 2011). E a luta contra uma sociedade de consumo é provavelmente um dos maiores movimentos contraculturais da contemporaneidade (LASN, 1999). Não há como promover uma ruptura nas referências culturais consagradas pela sociedade de consumo, utilizando seus elementos de forma ingênua e perpetuando a valorização de formas estéticas dominantes, como o gosto pelo belo e por referências eurocêntricas ou estritamente norte-americanas.

Conclusão

Este trabalho procurou analisar culturalmente, sob a perspectiva dos Estudos Culturais, produtos comunicacionais disponibilizados *online* que se relacionam com movimentos ou fenômenos sociais que se declaram Afro LGBT, acreditando na relevância histórica e social do mesmo, que surge no Brasil a partir de, por um lado, denúncias de LGBTfobia em movimentos tradicionais afro e, por outro lado, acusações de o movimento LGBT sustentar padrões brancos.

Foi criticada a reivindicação por um lugar único de fala e a ideia de apropriação cultural como algo negativo presente nos objetos analisados. A partir dos autores utilizados como referência, esses elementos impedem a compreensão da cultura como algo em disputa e transformação, que permite que um indivíduo de um grupo se identifique e use referências de elementos de outros grupos, levando em conta que há intercâmbios entre eles.

Nos produtos, o corpo é um lugar de reivindicações, como no "corpo político" de Foucault, porém, ocorre o reforço de hiperssexualização do corpo negro, criticada por alguns movimentos afro, e do padrão cisgênero para o corpo feminino e masculino, em que o homem é forte e viril e a mulher é delicada e bonita. Dentre os objetos analisados, apenas Liniker reivindica o fim dos padrões de gênero. A reivindicação de padrões

cisgênero de beleza para os transexuais é criticado apenas pela Rede Afro LGBT. A moda é um elemento marcante, com a construção de uma estética que remete à cultura afro e um movimento identitário para o fenômeno. O uso deste elemento ora pode ser entendido como ferramenta de construção identitária, ora como ferramenta de reprodução do capitalismo.

O trabalho tenta compreender como diversos elementos, valores e sentidos estão sendo disputados na sociedade e como discursos são construídos para competir pelo poder, por meio de elementos verbais, imagéticos, o corpo, a moda e outros. Cabe, ainda, uma análise mais aprofundada de como os elementos analisados, e outros tantos omitidos, articulam-se no fenômeno de produtos comunicacionais e manifestações culturais em prol da pauta Afro LGBT na reestruturação de uma realidade mais incluyente para a diversidade.

Referências

BARBERO, Jesus Martin. "Pistas para entre-ver meios e mediações" in BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios as mediações**. Comunicação, Cultura e Hegemonia, 4a, Rio de Janeiro, ed.UFRJ, 2006, pg. 11-21;

BARROS, Thiane Neves. **Querida feminista branca (DE NOVO)**, não seja tão barraqueira. *Blogueiras Negras*.

2015. Disponível em:

<<http://blogueirasnegras.org/2015/09/16/querida-feminista-branca-de-novo-nao-seja-tao-barraqueira/>>. Acesso em: 29 abr 2016.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo in Problemas de gênero — Feminismo e subversão da identidade. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003 — a edição, pg. 1549;

CAMPBELL, Colin: **The romantic ethic and the spirit of modern consumerism**. Blackwell: Oxford, 1989.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As identidades como espetáculo multimídia** in Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2005, 107-116.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. **Apogeo y decadencia de la teoría tradicional**. Una visión de los intenciosos. In: WALSH, Catherine (Org.) Estudios culturales latinoamericanos. Quito: Univ. Andina Simon Bolivar/ediciones Abya-yala, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, 25a, Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

. **Historia da Sexualidade**, Vol. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Discipline and punish: The birth of the prison**. Vintage, 1977.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vaidades no Brasil**. *Soc. estado.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, Aug. 2014.

GOMES, Itania Maria Mota. **Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento** in GOMES, Itania e JANOTTI JR., Jeder (Orgs). *Comunicação e Estudos Culturais*, Salvador, Edufba, 2011.

GOMES, Mara. **Não somos todos iguais**. *Blogueiras Negras*. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/02/23/nao-somos-todos-iguais/>>. Acesso em: 29 abril 2016. HALL, Stuart. **The spectacle of the other**. *Discourse theory and practice: A reader*, p. 324-344, 2001.

_____. **The work of representation** in HALL, Stuart (Ed.). *Representation: cultural representation and signifying practices*, London, Sage, 1997. Há uma tradução para o espanhol disponível em <<http://vv->

www.cholonautas.edu.pe/modulosbiblioteca2.php?IdDocumento=0389>. Acesso em 24
abr 2016.

LASN, Kalle: **Culture Jam: How to Reverse America's Suicidal Consumer Binge-
-And Why We Must**. New York: William Morrow Paperbacks, 1999.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. **Como os corpos se tornam materia:**
entrevista com Judith Butler. Rev. Estud. Fern., Florianópolis , v. 10, n. 1, p. 155-167,
Jan. 2002.

RODRIGUES, Cristiano. **Atualidade do conceito de interseccionalidade para a
pesquisa e pratica feminista no Brasil**. SEMINARIO INTERNACIONAL
FAZENDO GENERO, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de
Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 16,
2013.

SAID, Edward W. **Introdução**, in Cultura e imperialismo, São Paulo,
Companhia das Letras, 1999, 11-3;

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
[1971]1979, 77142

_____ **Cultura** in WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave: Um vocabulário
de cultura e sociedade, São Paulo, Boitempo, 2007, 117-124;

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**, 1ª. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.